

**PRÁXIS FILOLÓGICA
DE INTELLECTUAIS CONTEMPORÂNEOS:
O CASO ROSA BORGES E A FILOLOGIA NA BAHIA**

Arivaldo Sacramento de Souza (UFBA)
arisacramento@gmail.com

Já é comum lembrar-se da filologia como campo de estudo que se preocupa com a restituição dos textos, isto é, com a recuperação dos originais perdidos ou com os textos de última vontade do autor. Tal delimitação reservou à filologia uma adjetivação tecnicista e, quase sempre, ancilar de qualquer estudo da língua ou do texto, o que não é nenhum demérito, mas castra a diversidade temática do labor filológico e reduz a pluralidade das possibilidades de pesquisa. Felizmente, neste momento, quando observamos o movimento forte das desconstruções do pensamento metafísico tradicional e em meio à emergência da crise do intelectual, surgem propostas que nos ajudam a compreender possíveis papéis do filólogo no contexto atual. Uma dessas propostas foi construída no ano de 2001 pela Profa. Rosa Borges em sua tese de doutorado. Longe de qualquer proselitismo ou glorificação, enveredaremos pela leitura crítica de *Poemas do Mar de Arthur de Sales: Edição Crítico-Genética e Estudo*, título da tese, que é uma pesquisa construída pela base teórica dos métodos tradicionais da edição de texto e a partir do estudo de um autor não canônico, cujo projeto de escrever uma coletânea de poemas do mar, empreendimento frustrado pelo mercado editorial e pela crítica cultural do modernismo baiano da primeira metade do século XX, foi assumido pela filóloga. Este é objeto desta investigação, que toma para discussão o projeto filológico editorial de Rosa Borges e visa ler o lugar dela como intelectual que assume intervenções editoriais contra os discursos opressores difundidos pela crítica literária tradicional que levaram Arthur de Salles ao esquecimento. A partir desse caso, propomos nossa práxis filológica hoje, mais como intérpretes e menos como legisladores da língua e da cultura.